

Tradução do russo e edição por CN, 11.02.2013

(original em: *Revista Comunista Internacional*, N.º 3, Julho de 2012 - www.iccr.gr/site/)

Leninismo e revisionismo nas questões fundamentais da teoria e prática

(A ditadura do proletariado, a sua forma de organização e essência económica)

V.A. Tiúlkine

M.V. Popov¹

Em 2009, o Fundo da Academia Operária, que proporciona formação aos operários da Rússia, publicou a colectânea *O Principal no Leninismo*, que inclui as teses fundamentais que caracterizam as posições teóricas leninistas sobre a questão da abordagem de classe na análise dos fenómenos sociais e sobre a *ditadura do proletariado*.² A sua leitura ajuda a compreender a renúncia e a defecção da direcção do PCUS que, no XXII Congresso [1961], assumiu uma posição revisionista sobre questões fundamentais do marxismo-leninismo, fixando-a no Programa do PCUS e, desse modo, predeterminou a decomposição do partido e a destruição do país. Isto é demonstrado também no presente artigo. Os autores procuraram prestar especial atenção ao facto de que, a maioria das invencionices, pretextos e argumentos «actuais» dos oportunistas e renegados de hoje, tiveram uma resposta de Lénine ainda na época da luta contra os oportunistas e deturpadores do marxismo, na época da II Internacional e da instauração do poder soviético na Rússia.

¹ V.A. Tiúlkine, primeiro secretário de Partido Comunista Operário da Rússia – Partido Revolucionário dos Comunistas (PCOR-PRC).

M.V. Popov, professor, doutorado em Ciências Filosóficas, presidente do Fundo da Academia Operária, membro da revista *União Soviética* do PCOR-PRC.

² *O Principal no Leninismo*, V.I. Lénine sobre a abordagem de classe na análise dos fenómenos sociais, obra coligida por M.V. Popov, Ed. Universidade Politécnica, S. Petersburgo, 2009, 311 p. (em russo), <http://rpw.ru/>

O carácter de classe do Estado

Que qualquer Estado tem um carácter de classe é o á-bê-cê do marxismo, e Lênine chamou a atenção para isto, pode-se dizer, permanentemente.

No artigo «**A posição pequeno-burguesa ante o problema da ruína**», Lênine escreve: «*Na questão do Estado, distinguir em primeiro lugar qual classe o Estado serve, qual classe cujos interesses promove*». ³

No livro **O Estado e a Revolução** sublinha-se que «*segundo Marx, o Estado é um órgão de dominação de classe*». ⁴

No artigo «**A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la**», Lênine coloca a questão: «*E o que é o Estado?*» ao que responde: «*É a organização da classe dominante*». ⁵

Esta mesma ideia é explicada no artigo «**Conservarão os bolcheviques o poder de Estado?**»: «*O Estado, estimados senhores, é um conceito de classe. O Estado é um órgão ou uma máquina de violência de uma classe sobre outra*». ⁶

No «**Relatório ao II Congresso dos Sindicatos de Toda a Rússia, Janeiro de 1919**», V.I. Lênine sublinha de um modo ainda mais categórico: «*A questão coloca-se assim e apenas assim: ou a ditadura da burguesia – encoberta com Constituintes e todo o tipo de eleições, democracia e demais embustes burgueses, com os quais deslumbram os tolos e dos quais apenas se podem vangloriar e regozijar pessoas que se tornaram completamente e em toda a linha renegados do marxismo e renegados do socialismo – ou a ditadura do proletariado*». ⁷

Por isso, é perfeitamente lógico que no **Programa do PCR(b)**, preparado por Lênine, se afirme de modo unívoco: «*Em oposição à democracia burguesa, que oculta o carácter de classe do Estado, o poder soviético reconhece abertamente o carácter inelutável de classe do qualquer Estado, enquanto não desaparecer a divisão da sociedade em classes e com ela todo o poder de Estado*». ⁸

Na brochura «**Carta aos operários e camponeses a propósito da vitória sobre Koltchak**», Lênine sublinha o carácter de classe do Estado de forma ainda mais decidida: «*Ou a ditadura (isto é, o poder férreo) dos latifundiários e dos capitalistas, ou a ditadura da classe operária.*

«*Não há meio-termo. Só sonham em vão com o meio-termo os fidalgotes, os intelectuaizinhos, os senhoritos que estudaram mal em maus livros. Em nenhuma parte do mundo existe meio-termo nem pode existir. Ou a ditadura do proletariado da*

³ «*A posição pequeno-burguesa ante o problema da ruína*» (Junho de 1917), V. I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), 5.^a Edição, Moscovo, 1969, t. 32, p. 247.

⁴ *O Estado e a Revolução* (Agosto - Setembro de 1917), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. Avante-Progresso, Lisboa – Moscovo, 1985, t. 3, p. 193. (N. Ed.)

⁵ «*A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la*» (Outubro de 1917), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. Avante-Progresso, Lisboa – Moscovo, 1981, t. 2, p. 194. (N. Ed.)

⁶ «*Conservarão os bolcheviques o poder de Estado?*» (1 de Outubro de 1917), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 2, p. 350. (N. Ed.)

⁷ «*Relatório ao II Congresso dos Sindicatos de Toda a Rússia*», Janeiro de 1919, V. I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 37, p. 438.

⁸ *Programa do PCR(b)*, aprovado no VIII Congresso, Março de 1919, V. I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 38, p. 424.

*burguesia (encoberta com pomposas frases dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques sobre o poder do povo, a Constituinte, as liberdades, etc.), ou a ditadura do proletariado. Aquele que não tiver compreendido isto da história de todo o século XIX é irremediavelmente um idiota».*⁹

A essência do Estado socialista

No «**Discurso de encerramento do debate sobre o relatório do Conselho de Comissários do Povo, 12 (25) de Janeiro de 1918, no Terceiro Congresso dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses de Toda a Rússia**», V.I. Lênine disse: «*A democracia é uma das formas do Estado burguês, a favor da qual estão todos os traidores do verdadeiro socialismo, que se encontram hoje à frente do socialismo oficial e afirmam que a democracia está em contradição com a ditadura do proletariado. Enquanto a revolução não saiu do quadro do regime burguês, nós éramos a favor da democracia, mas assim que vimos os primeiros alvares do socialismo ao longo de todo o decurso da revolução, tomámos a posição firme e resoluta de defesa da ditadura do proletariado*».¹⁰

Na brochura «**Êxitos e Dificuldades do Poder Soviético**», V.I. Lênine simplesmente ridicularizou aqueles pseudo-comunistas que negavam a ditadura do proletariado. Escreveu: «*Nós, certamente, não somos contra a violência; troçamos daqueles que têm uma atitude negativa para com a ditadura do proletariado e dizemos que são tolos, incapazes de compreender que tem de haver ou ditadura do proletariado ou ditadura da burguesia. Quem disser outra coisa ou é idiota ou politicamente tão ignorante que seria uma vergonha admiti-lo não apenas numa tribuna mas mesmo simplesmente numa reunião.*»¹¹

Lênine defendeu esta mesma ideia no «**Discurso sobre a situação Interna e Externa da República Soviética na Sessão Plenária Extraordinária do Soviete de Moscovo de Deputados Operários e Soldados Vermelhos, em 3 de Abril de 1919**»: «*Ou a ditadura da burguesia ou o poder e a ditadura completa da classe operária, em parte alguma o meio-termo pode dar alguma coisa e em parte alguma dele algo resultou*».¹²

No trabalho «**Sobre a ditadura do proletariado**», V.I. Lênine escreveu o seguinte: «*1. A principal fonte da incompreensão da ditadura do proletariado por parte dos socialistas é não levarem até ao fim a ideia da luta de classes (cf. Marx. 1952)*».¹³

⁹ «*Carta aos operários e camponeses a propósito da vitória sobre Koltchak*» (Agosto de 1919), V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 195. (N. Ed.)

¹⁰ «*Discurso de encerramento do debate sobre o relatório do Conselho de Comissários do Povo, 12 (25) de Janeiro de 1918, no Terceiro Congresso dos Sovietes de Deputados Operários, Soldados e Camponeses de Toda a Rússia*», V.I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 35, p. 280.

¹¹ «*Êxitos e Dificuldades do Poder Soviético*» (Abril de 1919), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. cit., t. 4, p. 198.

¹² «*Discurso sobre a situação Interna e Externa da República Soviética na Sessão Plenária Extraordinária do Soviete de Moscovo de Deputados Operários e Soldados Vermelhos, em 3 de Abril de 1919*», V.I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 38, p. 253.

¹³ Lênine refere-se à carta de «*Marx a Joseph Weydemeyer (em Nova Iorque)*», Londres, 5 de Março de 1852, em que escreve que «*a luta das classes conduz necessariamente à ditadura do proletariado; 3. que esta mesma ditadura só constitui a transição para a superação de todas as*

«A ditadura do proletariado é a continuação da luta de classe do proletariado sob novas formas. Isto é o fulcro, e é isto que não compreendem. O proletariado como classe particular, continua sozinho a travar a sua luta de classe.

«2. O Estado é apenas = a instrumento do proletariado na sua luta de classe. Um tipo especial de moca».¹⁴

No «**Discurso no Congresso dos Operários dos Transportes de 27 de Março de 1921**», V.I. Lênine explicou mais uma vez que a questão é «um ou outro»: «A classe que tomou nas suas mãos o domínio político, tomou-o com a consciência de que o tomava sozinho. Isto está contido no conceito de ditadura do proletariado. Este conceito só tem sentido quando uma classe sabe que toma sozinho nas suas mãos o poder político e não se engana nem a si mesma nem aos demais com conversas sobre um poder de “todo o povo”, resultante de eleições gerais e consagrado por todo o povo. Como sabeis perfeitamente, os aficionados de tal palavreado são muitos e até mais que muitos, mas, em todo o caso, não são do proletariado, uma vez que os proletários tomaram consciência e escreveram tanto na Constituição como nas principais leis da República que se trata de ditadura do proletariado».¹⁵

Na brochura «**Sobre o Imposto em Espécie**», V.I. Lênine sublinha de modo muito simples e sucinto: «O socialismo é inconcebível sem o domínio do proletariado no Estado: isso é o á-bê-cê».¹⁶

O conceito, as tarefas e os limites históricos da ditadura do proletariado

No artigo «**Os que estão assustados com a falência do velho e os que lutam pelo novo**», V.I. Lênine assinala que «a ditadura pressupõe e significa uma situação de guerra contida, uma situação de medidas militares de luta contra os adversários do poder proletário».¹⁷

Na mesma altura, no artigo «**Saudação aos operários húngaros**», sublinha: «Mas a essência da ditadura do proletariado não reside apenas na violência, nem principalmente na violência. A sua essência principal reside na organização e disciplina do destacamento avançado dos trabalhadores, da sua vanguarda, do seu único dirigente, o proletariado. O seu objectivo é criar o socialismo, suprimir a divisão da sociedade em classes, fazer de todos os membros da sociedade trabalhadores, retirar a base de toda a exploração do homem pelo homem.» Lênine esclarece: «A supressão das classes é resultado de uma luta de classes longa, difícil e obstinada, que não

classes e para uma sociedade sem classes.» (Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. Avante – ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1982, t. I, p. 555. (N. Ed.)

¹⁴ «*Sobre a ditadura do proletariado*» (Setembro-Outubro), V. I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 39, p. 261-262.

¹⁵ «*Discurso no Congresso dos Operários dos Transportes de 27 de Março de 1921*», V.I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 43, p. 132.

¹⁶ «*Sobre o Imposto em Espécie*» (Maio de 1921), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 498. (N. Ed.)

¹⁷ «*Os que estão assustados com a falência do velho e os que lutam pelo novo*» (Janeiro de 1918), V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. cit., t. 3, p. 355. (N. Ed.)

desaparece (como imaginam os representantes vulgares do velho socialismo e da velha social-democracia) depois do derrubamento do poder do capital, depois da destruição do Estado burguês, depois da implantação da ditadura do proletariado, mas apenas muda de forma, tornando-se em muitos aspectos ainda mais encarniçada.»¹⁸

Na brochura *«Uma Grande Iniciativa»*, V.I. Lênine dá a seguinte definição de ditadura do proletariado: *«A ditadura do proletariado, se traduzirmos esta expressão latina, científica, histórico-filosófica, para uma linguagem mais simples, significa o seguinte:*

«só uma classe determinada, a saber os operários urbanos e em geral os operários das fábricas, os operários industriais, está em condições de dirigir toda a massa de trabalhadores e explorados na luta para derrubar o jugo do capital, no processo do próprio derrubamento, na luta para manter e consolidar a vitória, na obra da criação do novo regime social, do regime socialista, em toda a luta pela completa supressão das classes. (Notemos entre parênteses: a diferença científica entre o socialismo e o comunismo consiste apenas em que a primeira palavra designa a primeira fase da sociedade nova que nasce do capitalismo, e a segunda palavra designa uma fase superior mais avançada dessa sociedade).

«O erro da internacional amarela de “Berna” consiste em que os seus chefes só em palavras reconhecem a luta de classes e o papel dirigentes do proletariado, receando levar as suas ideias até ao fim, receando precisamente a inevitável conclusão que causa particular horror à burguesia e que é absolutamente inaceitável para ela. Receiam reconhecer que a ditadura do proletariado é também um período de luta de classes, que é inevitável enquanto as classes não tiverem sido suprimidas e que muda as suas formas, tornando-se particularmente encarniçada e particularmente específica durante os primeiros tempos após o derrubamento do capital. Uma vez conquistado o poder político, o proletariado não cessa a sua luta de classe, antes a continua até à supressão das classes, mas naturalmente noutras condições, sob outras formas e com outros meios.

«E que quer dizer “supressão das classes”? Todos aqueles que se dizem socialistas reconhecem este objectivo final do socialismo, mas nem todos, longe disso, reflectem no seu significado. Chama-se classes a grandes grupos de pessoas que se diferenciam entre si pelo seu lugar no sistema de produção social historicamente determinado, pela sua relação (as mais das vezes fixada e formulada nas leis) com os meios de produção, pelo seu papel na organização social do trabalho e, conseqüentemente, pelo modo de obtenção e pelas dimensões da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos de pessoas, um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro graças ao facto de ocupar um lugar diferente num regime determinado de economia social.

«É claro que, para suprimir por completo as classes, é preciso não só derrubar os exploradores, os latifundiários e capitalistas, não só abolir a sua propriedade, é preciso abolir ainda toda a propriedade privada dos meios de produção, é preciso suprimir tanto a diferença entre a cidade e o campo como a diferença entre trabalhadores manuais e intelectuais. É uma obra muito longa.»¹⁹

¹⁸ «Saudação aos operários húngaros» (Maio de 1919), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, pp. 135 e 136. (N. Ed.)

¹⁹ «Uma Grande Iniciativa (Sobre o heroísmo dos operários na retaguarda, a propósito dos “sábados comunistas”)» (Julho de 1919), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 150. (N. Ed.)

No artigo «**A Economia e a política na época da ditadura do proletariado**», V.I. Lênine continua a definir as fronteiras da ditadura do proletariado e sublinha a sua vigência ao longo de *toda* a fase do socialismo: «*O socialismo é a supressão das classes. A ditadura do proletariado fez tudo o que podia para essa supressão. Mas é impossível suprimir as classes de repente.*»

E as classes mantiveram-se e manter-se-ão durante a época da ditadura do proletariado. A ditadura tornar-se-á inútil quando as classes tiverem desaparecido. Sem a ditadura do proletariado elas não desaparecerão.

*As classes mantiveram-se, mas cada uma delas modificou-se na época da ditadura do proletariado; modificaram-se também as suas inter-relações. A luta de classes não desaparece sob a ditadura do proletariado, toma apenas outras formas.»*²⁰

Estas formas, assinale-se, foram expressamente enumeradas por V.I. Lênine, para os comunistas de todos os países e de todos os tempos, no livro **A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo**: «*A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, sangrenta e não sangrenta, violenta e pacífica, militar e económica, pedagógica e administrativa contra as forças e as tradições da velha sociedade.*»²¹

No socialismo é travada uma agudíssima luta de classes contra as forças e tradições da sociedade capitalista, antes de tudo, contra o espírito pequeno-burguês e as suas manifestações por parte dos representantes das classes e estratos da sociedade socialista, nomeadamente a tendência pequeno-burguesa de dar à sociedade o mínimo e o pior possível e receber dela o máximo e o melhor possível. Esta luta é travada dentro da própria classe operária, dentro do próprio partido, dentro da consciência de praticamente cada indivíduo.

Até que momento não se pode prescindir da ditadura do proletariado? Nas «**Teses do relatório sobre a tática do PCR, no III Congresso da Internacional Comunista, 22 de Junho-12 de Julho**», Lênine responde a esta questão: «*A ditadura do proletariado não significa o fim da luta de classes, mas a sua continuação sob uma nova forma e com novas armas. Enquanto subsistirem as classes, enquanto a burguesia derrubada num país decuplicar os seus ataques contra o socialismo à escala internacional, essa ditadura é necessária.*»²²

E porquanto «*a tarefa do socialismo consiste na supressão das classes*»,²³, como se sublinha no «**Relatório sobre a tática do PCR, no III Congresso da Internacional Comunista, 5 de Julho de 1921**», o período da ditadura do proletariado abrange toda a primeira fase do comunismo, ou seja, todo o período do socialismo.

²⁰ «A economia e a política na época da ditadura do proletariado» (Outubro de 1919), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, pp. 207-208. (N. Ed.)

²¹ *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo* (Abril-Maio de 1920), V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 296. (N. Ed.)

²² «III Congresso da Internacional Comunista, 22 de Junho-12 de Julho, Teses do relatório sobre a tática do PCR», V. I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 530. (N. Ed.)

²³ «Relatório sobre a tática do PCR no III Congresso da Internacional Comunista, 5 de Julho de 1921», V.I. Lênine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 44, p. 39.

A forma organizativa da ditadura do proletariado

A essência de qualquer Estado é a *ditadura* da classe dominante. Não obstante, esta ditadura só raramente se manifesta directamente à superfície da vida política. Apesar de todos os desvios e recuos temporários, cada tipo de ditadura tem uma determinada forma constante de se manifestar enquanto forma organizativa, que é adequada à ditadura de uma dada classe, que lhe corresponde e garante da melhor maneira a sua conservação. A forma de organização imanente, ou seja, intrínseca, da forma organizativa da ditadura da burguesia é a democracia parlamentar com eleições por círculos territoriais. A forma organizativa do proletariado é o poder soviético, eleito nas empresas industriais.

No trabalho «**Teses e relatório sobre a democracia burguesa e a ditadura do proletariado**», no I Congresso da Internacional Comunista, 4 de Março de 1919», V.I. Lênine escreveu: «*A velha democracia, isto é, a democracia burguesa, e o parlamentarismo foram organizados de modo a afastar, mais que ninguém, precisamente as massas dos trabalhadores do aparelho de administração. O Poder Soviético, isto é, a ditadura do proletariado, está organizado, pelo contrário, de modo a aproximar as massas dos trabalhadores do aparelho de administração. Tal é igualmente o objectivo da união dos poderes legislativo e executivo na organização soviética do Estado e da substituição dos círculos eleitorais territoriais pelas unidades de produção, como as fábricas.*»²⁴

Na brochura «**Carta aos operários e camponeses a propósito da vitória sobre Koltchak**», afirma-se: «*O Poder Soviético – eis o que significa de facto a “ditadura do Proletariado”.*»²⁵

No artigo «**As tarefas imediatas do Poder Soviético**» sublinha-se inequivocamente: «*o Poder Soviético não é outra coisa senão a forma organizativa da ditadura do proletariado.*»²⁶

A análise das formas organizativas da ditadura da burguesia, na sua variante mais estável – a democracia burguesa, e da ditadura do proletariado, sob a forma dos soviets, mostra que a sua estabilidade e funcionamento assentam em bases objectivas, sobre as quais se constrói a organização do poder. A democracia parlamentar, enquanto forma de ditadura da burguesia, apoia-se na sua formação nos recursos financeiros dos capitalistas, no instituto da propriedade privada, utiliza a ideologia burguesa que é dominante na sociedade, uma vez que o ser social determina a consciência social. A democracia proletária apoia-se na organização objectiva da classe operária no processo de trabalho nas empresas industriais, que se transformam em círculos eleitorais dos soviets. Sendo que aqui se trata não do nome, mas precisamente da forma de organização do poder, característica do Poder Soviético, que garante a ditadura da classe operária.

²⁴ I Congresso da Internacional Comunista «Teses e relatório sobre a democracia burguesa e a ditadura do proletariado, 4 de Março de 1919,» V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 82. (N. Ed.)

²⁵ «*Carta aos operários e camponeses a propósito da vitória sobre Koltchak*» (Agosto de 1919), V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 195. (N. Ed.)

²⁶ «*As tarefas imediatas do Poder Soviético*» (Abril de 1918), V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 2, p. 578. (N. Ed.)

A renúncia à forma organizativa da ditadura do proletariado coloca a sua existência em perigo

Os sovietes surgiram em Ivánovo-Voznessensk, em 1905, como órgãos da luta grevista e órgãos de autogoverno dos trabalhadores constituídos em cada empresa industrial, em cada colectivo laboral. Foi também nas empresas industriais que se elegeram os sovietes que ressurgiram por toda a Rússia em 1917. A eleição de deputados nas empresas industriais, que garantia a possibilidade de controlo sobre a sua actividade e de realização prática da sua revocação e substituição por vontade dos colectivos laborais, é um princípio constituinte dos sovietes e foi consagrado no **Programa** leninista **do PCR(b)**, aprovado no VIII Congresso do partido: «*O Estado Soviético aproxima o aparelho de Estado às massas também pelo facto de que a unidade eleitoral e a célula básica do Estado é não o círculo territorial, mas a unidade produtiva (empresas industriais)*». ²⁷

Ao arrepio desta disposição programática, em 1936, na sequência da aprovação da nova Constituição, alegadamente mais «democrática», efectuou-se a passagem para o sistema de eleições por círculos territoriais, característico da democracia burguesa, que apartou os órgãos de poder dos colectivos laborais e tornou praticamente impossível a revocação dos deputados que se desligaram do povo. As declarações de Stáline naquele período sobre um alegado alargamento da democracia, decorrente da aprovação da nova Constituição, devem por isso ser consideradas erróneas. Será mais correcto dizer que foi dado um passo, de facto, na direcção da passagem da democracia proletária, soviética, para a democracia parlamentar, burguesa, que pressupõe a igualdade formal e ignora a desigualdade existente. Nenhum alargamento real da democracia poderia resultar do alargamento do direito formal e pontual de voto aos representantes das antigas classes exploradoras. Ao invés, com a sua gradual saída da cena histórica, na base da erradicação de toda a exploração, a democracia soviética, como democracia dos trabalhadores, passaria gradualmente também por via natural ao sufrágio universal. A renúncia ao princípio da eleição dos deputados através dos colectivos laborais nas empresas industriais, característico dos sovietes, e a passagem para as eleições por círculos territoriais, equivaliu a um retrocesso dos sovietes para o parlamentarismo e, por conseguinte, ao enfraquecimento do verdadeiro democratismo.

É interessante recordar o facto de que, durante a elaboração do segundo programa do PCR(b), Lénine encarou a possibilidade de uma renúncia à forma dos sovietes em resultado de um recuo geral na luta, sob pressão das circunstâncias e forças do adversário, mas nunca como um avanço no desenvolvimento da democracia dos trabalhadores, da democracia operária ou proletária.

Na «**Resolução sobre a mudança de nome do Partido e do Programa do Partido** do VII Congresso do PCR (b)», Lénine escreveu: «*A modificação da parte política do nosso programa deve consistir na caracterização mais precisa e circunstanciada possível do novo tipo de Estado, da República Soviética, como uma forma de ditadura do proletariado e como continuação das conquistas da revolução operária internacional que a Comuna de Paris iniciou. O programa deve indicar que o nosso partido não renunciará a utilizar também o parlamentarismo*

²⁷ Programa do PCR(b), aprovado no VIII Congresso, Março de 1919, V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 38, p. 425-426.

burguês se o curso da luta nos fizer retroceder durante certo tempo para esta etapa histórica, superada agora pela nossa revolução. Mas, em todo o caso, e quaisquer que sejam as circunstâncias, o partido lutará pela República Soviética como tipo de Estado superior quanto ao democratismo e como forma de ditadura do proletariado, de derrubamento do jugo dos exploradores e de esmagamento da sua resistência.»²⁸ (sublinhado dos autores)

Dir-se-ia que a clareza é total, no entanto, encaminharam-se precisamente para a democracia burguesa, para o parlamentarismo. A partir desta altura, devido à eliminação da possibilidade prática de revocar os deputados que não justificassem a confiança dos colectivos laborais de eleitores, iniciou-se o processo de contaminação cada vez mais intensivo da máquina do Estado pelo burocratismo e carreirismo, da sua infestação por burocratas e carreiristas que colocavam os seus interesses pessoais acima dos da sociedade, o processo de amadurecimento dos Khruchov e dos Gorbatchov no seio do sistema estatal-partidário. Dos soviets restava o nome, mas a sua essência começou a erodir-se. A ditadura do proletariado, ao perder a sua forma organizativa intrínseca, foi colocada em perigo. O carácter proletário dos órgãos de poder, que continuavam como antes a chamar-se soviets, era agora garantido apenas pelos elementos que restavam da sua ligação à classe, nomeadamente através da apresentação de candidatos pelos colectivos laborais, da regular prestação de contas aos trabalhadores, da definição da sua composição social pelos órgãos do partido, bem como pela inércia acumulada do carácter proletário do próprio partido. Mas, ainda no tempo de Stáline, que jurou consolidar a ditadura do proletariado junto à sepultura de V.I. Lénine e lutou por isso toda a sua vida, começou a formar-se gradualmente no Comité Central uma maioria anti-operária que, com o seu oportunismo que se transformou em revisionismo após a morte de Stáline, caminhou no sentido da alteração da natureza de classe do Estado.

A renúncia à ditadura do proletariado é a renúncia ao marxismo

No XX Congresso do PCUS foi efectuada uma singular preparação de artilharia para a ofensiva frontal contra o que é principal no marxismo. Com os esforços do grupo revisionista de Khruchov foi colocado em dúvida de forma caluniosa aquilo que de positivo tinha sido feito sob a liderança de Stáline, e foi requerida a revisão das teses fundamentais do marxismo sobre a luta de classes e a ditadura do proletariado. Todavia continuava em vigor o Programa leninista do PCR(b). Por isso, os khruchovistas começaram a preparar-se para o substituir por outro, do qual seria retirado aquilo que constitui a própria essência do marxismo-leninismo.

No relatório do primeiro-secretário do CC do PCUS, N.S. Khruchov, ao XXII Congresso, «***Sobre o Programa do Partido Comunista da União Soviética***», foi apresentada a tese sobre «*a vitória definitiva do socialismo da URSS*»,²⁹ que desmagnetizou e desmobilizou os comunistas, a classe operária e todos os trabalhadores.

²⁸ VII Congresso do PCR (b), «Resolução sobre a mudança de nome do Partido e do Programa do Partido», 8 de Março de 1918, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 2, p. 532. (N. Ed.)

²⁹ XXII Congresso PCUS, 17-31 de Outubro de 1961, registo estenografado, (em russo) Moscovo, Gospolitizdat, 1962, t. I, p. 151.

Afirmou-se que «a luta de classes se limitava ao período de transição para o socialismo».³⁰ Em todo o relatório, o socialismo era entendido não como uma fase do comunismo, mas como um *não* comunismo, no fundo como uma formação específica. Consequentemente, em lugar do objectivo próprio do socialismo de supressão *total* das classes na primeira fase da sociedade sem classes, foi colocada apenas a tarefa de construção da sociedade sem classes e, a par disto, proclamou-se o objectivo puramente revisionista e antimarxista de passar «do Estado da ditadura do proletariado para o Estado de todo o povo».³¹ Afirmou-se que alegadamente «a classe operária da União Soviética, por iniciativa própria, partindo das tarefas da construção do comunismo, transformou o Estado da sua ditadura em Estado de todo o povo (...) Pela primeira vez no nosso país formou-se um Estado que não é uma ditadura de uma só classe (...) A ditadura do proletariado deixou de ser necessária».³² Também o partido foi declarado partido de todo o povo e não partido da classe operária, ao arpejo do conceito leninista de partido político como vanguarda da classe.

Estas ideias revisionistas não tiveram oposição no congresso, que aprovou por unanimidade um Programa revisionista e, na sua essência, antileninista. Nele afirmava-se que, alegadamente, «a ditadura do proletariado cumpriu a sua missão histórica e, do ponto de vista das tarefas do desenvolvimento interno deixou de ser necessária na URSS. O Estado que surgiu como estado da ditadura do proletariado transformou-se na nova etapa actual em Estado de todo o povo (...) O partido parte do facto de que a ditadura do proletariado deixa de ser necessária antes de o Estado desaparecer».³³ Para avaliarmos esta posição de uma forma mais plena recorreremos novamente a Lénine.

No livro **O Estado e a Revolução**, V.I. Lénine sublinhou o carácter de classe de qualquer Estado, enquanto este existir, e a necessidade para a vitória da revolução da destruição da velha máquina do Estado e da criação do novo aparelho de Estado, capaz de resolver as tarefas da ditadura do proletariado. Elaborou uma série de condições que têm de ser observadas para que o Estado, de instrumento da classe operária, de meio para garantir o seu domínio político, não se transformasse em força dominante sobre esta classe. Neste livro, tal como no caderno «**O Marxismo sobre o Estado**», V.I. Lénine expressou, como toda a precisão, a ideia de que o Estado só se extinguirá juntamente com a total supressão das classes, e enquanto subsistirem classes, subsistirá também o Estado como órgão da classe politicamente dominante. Cita e desenvolve a ideia de Engels: O Estado «ao tornar-se, por fim, efectivamente, representante de toda a sociedade, a si próprio se torna supérfluo.»³⁴ Como se respondesse a todos que duvidavam, vacilavam e hesitavam, V. I. Lénine sublinhou: «Só é marxista aquele que alarga o reconhecimento da luta de classes até ao reconhecimento da ditadura do proletariado. Nisto consiste a diferença mais profunda entre o marxista e o vulgar pequeno (e também grande) burguês. É nesta pedra-de-toque que é preciso experimentar a compreensão e o reconhecimento efectivos do marxismo.»³⁵ No trabalho «**Sobre o Estado**», Conferência na Universidade Sverdlov, 11 de Julho de 1919, Lénine refere que é precisamente o Estado capitalista que «proclama como sua palavra de

³⁰ Idem, ibidem. p. 166.

³¹ Idem, ibidem, p. 209.

³² Idem, ibidem, pp. 210-211 e 212.

³³ Idem, ibidem, t. III, p. 303.

³⁴ *O Estado e a Revolução*, op. cit., pp. 200-201. (N. Ed.)

³⁵ Idem, ibidem, p. 215. (N. ed.)

*ordem a liberdade para todo o povo e diz exprimir a vontade de todo o povo, negando ser um Estado de classe».*³⁶

Confundindo e enganando, de facto, o partido e o povo sobre a questão da ditadura do proletariado, sem a qual é impossível desenvolver o socialismo em comunismo pleno, o grupo revisionista khruchoviano substituiu seguidamente também os objectivos do desenvolvimento da produção e da sociedade. Devemos deter-nos em particular neste aspecto.

O objectivo da produção socialista

A essência da história, o progresso da sociedade consiste na marcha para o pleno bem-estar e livre desenvolvimento de *todos* os membros da sociedade.

No comunismo primitivo-comunal, esta essência, devido ao fraco desenvolvimento das forças produtivas, manifestava-se de um modo particularmente limitado no que toca à satisfação das necessidades prementes dos membros da sociedade, com base nos recursos obtidos e na hierarquia tribal.

No escravagismo, os escravos não eram considerados como seres humanos e a produção desenvolvia-se com o objectivo de assegurar o bem-estar e o desenvolvimento integral dos membros da classe dominante, os escravistas.

No feudalismo elevou-se o bem-estar e o desenvolvimento integral principalmente da classe dos feudais, os camponeses e artesãos limitavam-se a satisfazer as suas necessidades de uma forma bastante frugal.

No capitalismo, o objectivo da produção é a produção de mais-valia, de lucro, o que conduz ao aumento do bem-estar desenvolvimento integral dos capitalistas e limita o consumo dos operários à satisfação das necessidades num grau que garanta a reprodução da força de trabalho, indispensável à continuação do processo de autocrescimento do capital.

No capitalismo, como escreveu Lénine no trabalho «**Projecto de Programa do Partido Operário Social-Democrata da Rússia**», «*o desenvolvimento gigantesco das forças produtivas da sociedade, e a socialização cada vez maior do trabalho, é acompanhado pela circunstância de que todos os principais benefícios deste desenvolvimento são monopolizados por uma minoria insignificante da população. A par do crescimento da riqueza social cresce a desigualdade social, aprofunda-se e alarga-se o fosso entre a classe dos proprietários (burguesia) e a classe do proletariado.*»³⁷

Porém, no capitalismo inicia-se a luta da classe operária para que o desenvolvimento beneficie não só os membros da sociedade pertencentes à classe dominante e pela criação da sociedade comunista, na qual a essência da história se revele e a garantia do pleno bem-estar e do desenvolvimento integral de *todos* os membros da sociedade seja efectivamente o objectivo da produção.

³⁶ «Sobre o Estado», Conferência na Universidade de Sverdlov, 11 de Julho de 1919, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, p. 185. (N. Ed.)

³⁷«Projecto de Programa do Partido Operário Social-Democrata da Rússia» (Janeiro-Fevereiro de 1902), V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 6, p. 204.

No projecto de Programa do partido elaborado por uma comissão para o II Congresso do POSDR, o objectivo da produção socialista foi definido como a organização planificada do processo de produção social «*para a satisfação das necessidades, quer da sociedade no seu todo, quer de cada um dos seus membros*». A propósito disto, V. I. Lénine objecta: «*Inexacto. Tal “satisfação” também é “dada” pelo capitalismo, mas não a todos os membros da sociedade e não em igual medida*».³⁸

Nas «**Observações ao segundo projecto de Programa de Plekhánov**», escreveu: «*Também não é feliz o final do parágrafo: “a organização planificada da produção social para a satisfação das necessidades, quer de toda a sociedade, quer de cada um dos seus membros”. Isto não basta. Uma tal organização também pode porventura ser dada pelos trusts. Seria mais preciso dizer “por toda a sociedade” (dado que isto inclui a planificação e indica quem dirige a planificação) e não apenas para a satisfação das necessidades dos membros, mas para a garantia do pleno bem-estar e do livre e integral desenvolvimento de todos os membros da sociedade*».³⁹ No final, V.I. Lénine conseguiu que no Programa adoptado pelo II Congresso do POSDR ficasse inscrito: «*Ao substituir a propriedade privada sobre os meios de produção e circulação pela propriedade social e introduzindo a organização planificada do processo social de produção para a garantia do bem-estar e desenvolvimento integral de todos os membros da sociedade, a revolução social do proletariado suprimirá a divisão da sociedade em classes e assim libertará toda a humanidade oprimida*».⁴⁰

Tendo em mente este objectivo programático, o partido bolchevique levantou a classe operária da Rússia para a vitoriosa revolução socialista. Naturalmente que ao elaborar o segundo Programa do partido, V.I. Lénine considerou absolutamente necessário conservar este objectivo já inscrito no primeiro Programa, e cuja concretização conduz à total supressão das classes, ou seja, ao pleno comunismo. No Programa aprovado pelo VIII Congresso do PCR(b) é reproduzida com rigor a formulação do objectivo da produção socialista que estava contida no primeiro Programa do partido, a saber: «*Ao substituir a propriedade privada sobre os meios de produção e circulação pela propriedade social e introduzindo a organização planificada do processo social de produção para a garantia do bem-estar e desenvolvimento integral de todos os membros da sociedade, a revolução social do proletariado suprimirá a divisão da sociedade em classes e assim libertará toda a humanidade oprimida*».⁴¹

A definição científica, isto é, real, do objectivo da produção comunista, colocado perante a classe operária como criadora da sociedade comunista, permaneceu no Programa do partido enquanto este continuou a ser o partido da classe operária, que dirigia o exercício da sua ditadura. No terceiro Programa, revisionista, do partido, aprovado no XXII Congresso do PCUS, ela desapareceu. Foi substituída apenas pela «*satisfação de todas as crescentes necessidades*», ao que, como é sabido, não se resume nem o seu bem-estar, nem o seu desenvolvimento, e muito menos integral. A satisfação

³⁸ «Observações ao Projecto de Programa da Comissão» (Março de 1902), V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 6, p. 248.

³⁹ «Observações ao segundo projecto de Programa de Plekhánov» (Março de 1902), V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 6, p. 232.

⁴⁰ «Programa do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, aprovado no II Congresso do partido. II Congresso do POSDR. Julho-Agosto de 1903. Actas. Moscovo, 1959, p. 419.

⁴¹ «Programa do Partido Comunista da Rússia (bolchevique), aprovado pelo VIII Congresso do PCR(b), 18-23 de Março de 1919», V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 38, p. 419.

das necessidades, por si só, não conduz à liquidação da desigualdade social, nem à supressão das classes. Concretamente, no terceiro Programa do partido foi escrito que, no comunismo, «*se alcança o grau superior da organização planificada de toda a economia social, garante-se a mais eficaz e racional utilização das riquezas materiais e dos recursos laborais para a satisfação das crescentes necessidades dos membros da sociedade*».42 Os trabalhadores membros da sociedade, cujo desenvolvimento constitui o objectivo em si, tornaram-se *recursos laborais*, utilizados eficazmente para a satisfação das necessidades não de *todos*, mas de certos membros eleitos da sociedade que posteriormente se tornaram oligarcas. A eliminação do desenvolvimento precisamente de *todos* os membros da sociedade como o objectivo da produção transformou a formulação do objectivo da produção numa cobertura para o abandono do verdadeiro objectivo do socialismo. No terceiro Programa, revisionista, lê-se: «*O objectivo do socialismo é a satisfação cada vez mais plena das necessidades crescentes materiais e culturais do povo*».43 A primeira vista parece bem, mas é profundamente erróneo, porque o objectivo do socialismo, definido pelos fundadores do comunismo científico, é a supressão das classes, o qual não se reduz à satisfação das necessidades, pressupõe naturalmente também a satisfação das necessidades, porém, não de quaisquer necessidades nem uma qualquer satisfação, mas, antes de tudo, uma satisfação que conduz à garantia do pleno bem-estar e do desenvolvimento livre e integral de *todos* os membros da sociedade, e à supressão de toda a desigualdade social.

A renúncia à ditadura do proletariado e ao objectivo do socialismo modificou a essência de classe do Estado. Este tornou-se incapaz de realizar os interesses da classe operária, os quais, na época da ditadura do proletariado, constituem interesses da sociedade. Por isso, a propriedade estatal, começou cada vez mais, de forma gradual, a deixar de ser uma forma de propriedade social e, no fundo, a tornar-se cada vez mais uma forma peculiar de propriedade privada daqueles que, de facto, dispunham da propriedade estatal, ou seja, da cúpula da burocracia estatal-partidária. Deste modo, a cúpula da nomenclatura estatal-partidária logrou apropriar-se da propriedade da sociedade e criar as condições em que só faltava dividi-la e efectuar a sua apropriação individual, privatizar, com a cobertura das leis do Estado de «*todo o povo*». E foi isto que aconteceu no período de Élt sine, após a demissão de Gorbatchov, primeiro sob o slogan do «*avanço para o mercado*», depois já abertamente sob a consigna «*Viva a privatização!*». Este processo acompanhou ideologicamente a concepção revisionista do «*socialismo desenvolvido*», que incluía e reafirmava a célebre concepção revisionista do «*Estado de todo o povo*».

A renúncia do PCUS, no XXII Congresso, ao que é principal no marxismo – a ditadura do proletariado – ao objectivo da produção socialista e aos objectivos do socialismo, não podia deixar de conduzir e acabou por conduzir, apesar da resistência activa de uma minoria comunista, à destruição do partido, do Estado e do país. Esta renúncia ocorreu não apenas não por culpa da cúpula de renegados do PCUS, mas também por culpa daqueles membros do partido que, em vez do estudo e compreensão do leninismo, decoravam citações e slogans, fazendo fé nas palavras da cúpula revisionista do partido. Por isso, as forças comunistas não foram capazes de vencer consequentemente os oportunistas, os revisionistas e os traidores renegados do socialismo. Esta é uma lição

⁴² XXII Congresso PCUS, 17-31 de Outubro de 1961, registo estenografado (em russo), ed. cit., t. III, p. 274.

⁴³ Idem, ibidem, p. 238.

não só para os comunistas da antiga União Soviética e da actual Rússia. É também uma lição para todo o movimento operário e comunista internacional.

O carácter não mercantil e directamente social da produção socialista

A actualidade da presente questão é determinada pelo facto de que, em última análise, ela coloca a pergunta: porque lutam os comunistas pelo poder da sua classe? É uma questão sobre o que é que eles vão fazer em caso de a classe operária chegar ao poder? Até que ponto se tirou conclusões dos erros do PCUS e da prática da construção do socialismo na URSS? O quê e como fazer na economia?

Hoje esta questão continua não só a preocupar como também a dividir o movimento comunista, nomeadamente na Rússia. Não vamos referir-nos aos apologistas do «socialismo sueco» e semelhantes melhoradores do capitalismo. Falaremos apenas daqueles que continuam a nomear-se marxistas e comunistas. Entre eles, por um lado, estão fortemente representados os partidários do chamado «*socialismo de mercado*», que ultimamente é cada vez mais reforçado com a adenda «à *maneira chinesa*»; por outro lado, ouve-se constantemente as vozes daqueles que se apelidam de pragmáticos e realistas. Levam o indicador à têtpora e rodam-no sempre que ouvem as considerações dos comunistas ortodoxos sobre a produção socialista *não mercantil*. Dizem: olhem em volta, o mercado está à porta, por isso não há que negá-lo e será preciso começar pela economia de mercado.

Hoje, efectivamente, o mercado está à nossa porta. Por isso, consideramos que é altura própria de definirmos o que é a *produção mercantil* no capitalismo e no socialismo e o que se faz ou deve fazer no processo de construção e desenvolvimento do socialismo em pleno comunismo.

Logo nos primeiro e segundo programas dos bolcheviques (bem como no programa do PCOR), a natureza do capitalismo e da sociedade burguesa foi caracterizada nas seguintes teses: «*A principal particularidade de tal sociedade constitui a produção mercantil na base das relações capitalistas de produção, na qual a parte mais importante e significativa dos meios de produção e circulação de mercadorias pertence a uma classe de indivíduos pouco numerosa, enquanto a imensa maioria da população é constituída por proletários e semiproletários, obrigados pela sua situação económica a vender periódica ou permanentemente a sua força de trabalho, isto é, a tornarem-se assalariados do capitalista e a criarem com o seu trabalho o rendimento das classes superiores da sociedade.*»⁴⁴

Ou seja, o capitalismo é antes de mais produção mercantil. Sobre esta questão programática, V.I. Lénine escreveu nas «Observações ao segundo projecto de Programa de Plekhánov»: «*De algum modo resulta desajeitado. Naturalmente, a produção mercantil plenamente desenvolvida é só possível na sociedade capitalista [quando a própria força de trabalho se torna mercadoria (N. dos autores)], mas a “produção mercantil” é historicamente prius [anterior, precedente (N. Ed.)] em relação ao capitalismo*».⁴⁵

⁴⁴ «Programa do Partido Comunista da Rússia (bolchevique), op. cit., pp. 417-418

⁴⁵ «Observações ao segundo projecto de Programa de Plekhánov» (Março de 1902), V.I. Lénine, op. cit., p. 221.

Ou seja, Vladímir Ilitch Lénine precisou que o próprio capitalismo constitui o resultado do desenvolvimento da produção mercantil e não se cansou de indicar, em muitos dos seus trabalhos, que a produção mercantil, no seu desenvolvimento, gera permanente e inevitavelmente capitalismo.

A mercadoria é uma coisa produzida para ser trocada. A produção mercantil é a produção de mercadorias, a produção de valor. A produção mercantil capitalista está orientada para a venda das mercadorias com o fim da obtenção de mais-valia, do lucro, em benefício do capitalista (proprietário dos meios de produção, redes comerciais, capital financeiro e demais formas da sua existência). O papel regulador na produção mercantil, inclusive também na produção mercantil capitalista, é desempenhado pela sua lei fundamental – a lei do valor, que dirige os capitais e a correspondente produção mercantil para as áreas que prometem o maior lucro.

O objectivo da produção socialista consiste não na obtenção de lucro do capital, mas na satisfação dos interesses sociais. Nos já referidos programas do PCR(b) e do PCOR, lê-se: *Ao substituir a propriedade privada sobre os meios de produção e circulação pela propriedade social e introduzindo a organização planificada do processo social de produção para a garantia do bem-estar e desenvolvimento integral de todos os membros da sociedade, a revolução social do proletariado suprimirá a divisão da sociedade em classes e assim libertará toda a humanidade oprimida, uma vez que porá fim a todos os tipos de exploração de uma parte da sociedade sobre a outra.*»⁴⁶

Na base da produção socialista está não a lei do valor, mas a lei do valor de uso, que consiste na garantia do pleno bem-estar e desenvolvimento integral de todos os membros da sociedade. É evidente que isto é só possível de garantir, não através da auto-regulação do mercado dos produtores privados desligados entre si, mas através da socialização dos meios de produção e da centralização da planificação e da administração, o que é assegurado politicamente pela instauração da ditadura do proletariado.

No entanto, no socialismo permanecem na sua forma aparente quer o dinheiro quer toda uma série das chamadas relações monetário-mercantis, apesar não encontrarmos tal conceito em nenhum escrito de Marx, Engels ou de Lénine. Mas porventura esta utilização de formas exteriores e denominações mercantis significará que a produção socialista é mercantil no seu carácter? Evidentemente que não. Mesmo as notas de banco utilizadas na sociedade socialista não são dinheiro no sentido político-económico. Elas são indicadores suplementares indirectos dos volumes de produção e da quantidade do trabalho necessário gasto, unidades contabilísticas de cálculo e planificação que asseguram funções de controlo e registo directamente na produção social e distribuição, sem os quais o socialismo seria impossível. Não é por acaso que no Programa da Internacional Comunista, aprovado em 1928, se afirma: *«As formas e os métodos de actividade económica, de aparência capitalista, ligadas às relações económicas do mercado (cálculo do valor, retribuição do trabalho em dinheiro, compra e venda, crédito e bancos, etc.) têm um papel de alavancas do socialismo, uma vez que servem em maior medida as empresas de tipo socialista consequente, ou seja, o sector socialista da economia.*»⁴⁷

⁴⁶ «Programa do Partido Comunista da Rússia (bolchevique)», aprovado pelo VIII Congresso do PCR(b), op. cit., p. 419.

⁴⁷ «Programa da Internacional Comunista», adoptado pelo VI Congresso Mundial, Moscovo, 1 de Setembro de 1928, <http://www.hist-socialismo.com/docs/ProgramaIC1928.pdf>, pp. 23-24. (N. Ed.)

Os partidários do socialismo de mercado invocam habitualmente a NEP, aludem que o próprio Lénine terá afirmado que *esta é uma revisão radical do nosso ponto de vista sobre o socialismo. Isto é a sério e por muito tempo*. A Nova Política Económica (NEP), no início do período de transição do capitalismo para o comunismo, pressupunha, como recuo temporário, um certo alargamento da liberdade para a produção mercantil e circulação, antes de mais, entre os camponeses e o sector estatal socialista. Contudo, Lénine compreendia perfeitamente que se tratava de uma luta entre a tendência socialista e a capitalista. O livro de Bukhárine, ***A Economia do Período de Transição***, expunha a tese de que «*a ditadura do proletariado será inevitavelmente acompanhada por uma luta oculta ou mais ou menos aberta entre a tendência organizadora do proletariado e a tendência anarco-mercantilista do campesinato*». Sobre isto Lénine observou: «*Deveria ter dito: entre a tendência socialista do proletariado e a tendência mercantil-capitalista do campesinato*».⁴⁸

No mesmo texto, Lénine concorda com a seguinte análise de Bukhárine: «*Nas cidades, a principal luta pelo tipo de economia [depois da tomada do poder (N. Ed.)] terminará com a vitória do proletariado. No campo cessará, porquanto se trata da vitória sobre os grandes capitalistas. Mas, nesse mesmo momento, renascerá sob outras formas, como uma luta entre o plano estatal do proletariado, que encarna o trabalho social, e a anarquia mercantil, o desenfreamento especulativo do campesinato, que encarna a propriedade fragmentada e a espontaneidade do mercado*». Esta reflexão foi assinalada por Lénine com a seguinte nota breve: «*Isto sim, está certo!*» De seguida, Bukhárine afirma: «*mas, dado que a economia mercantil simples não é outra coisa senão o embrião da economia capitalista, a luta entre as tendências atrás descritas é na sua essência a continuação da luta entre o comunismo e o capitalismo*», com o que Lénine concorda, anotando «*Correcto. E melhor do que a “anarquia”*»⁴⁹

Notaremos que Lénine nunca colocou a questão da imediata abolição da produção mercantil. Ele sempre sublinhou que se tratava da superação da produção mercantil, do abandono da produção mercantil, da negação da produção mercantil na produção social socialista. Baseando-se na tese marxista de que «*só produtos de trabalhos privados autónomos e independentes uns dos outros estão frente a frente como mercadorias*»,⁵⁰ Lénine resumiu o seu entendimento do objectivo da revolução socialista nas seguintes palavras: «*A eliminação da propriedade privada sobre os meios de produção e a sua passagem para a propriedade social e a substituição da produção capitalista de mercadorias pela organização socialista da produção de produtos por toda a sociedade, para a garantia do pleno bem-estar e desenvolvimento livre e integral de todos os seus membros*».⁵¹

E na «**Directiva do Conselho do Trabalho e Defesa às Instituições Locais Soviéticas**», escrita em 1921, no período de transição, Lénine assinalou que «*o produto estatal de uma fábrica socialista, que é trocado por víveres do campesinato, não é uma*

⁴⁸ Colectânea Leninista, t. XI, 1931, 2.^a edição (em russo), p. 368.

⁴⁹ Idem, ibidem, p. 370.

⁵⁰ K. Marx, *O Capital*, Livro Primeiro, Volume I, Ed. Avante! – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1990, t. I, pág. 53. (N. Ed.)

⁵¹ «Projecto de Programa do Partido Operário Social-Democrata da Rússia», op. cit., p. 204.

*mercadoria no sentido político-económico, em todo o caso não é apenas uma mercadoria, já não é uma mercadoria, deixa de ser uma mercadoria».*⁵²

Esta ideia sobre a superação da produção mercantil, ainda no período de construção da economia socialista, é confirmada mais uma vez por Lénine nas suas observações ao livro de Bukhárine, do qual anota no seu resumo a seguinte afirmação: «*A mercadoria só pode ser uma categoria universal na medida em que haja uma ligação social permanente, e não ocasional, com a base anárquica de produção. Por conseguinte, na medida em que desaparece a irracionalidade do processo de produção, isto é, na medida em que no lugar da espontaneidade surge o regulador social consciente, a mercadoria transforma-se em produto e perde o seu carácter mercantil*». Lénine assinala: «*Correcto!*» e depois acrescenta: «*Inexacto: não se transforma num “produto”, mas em algo de diferente. ETWA [por exemplo (N. Ed.)]: em produto que segue para o consumo social não através do mercado*».⁵³

Os partidários do mercado citam o exemplo da NEP como uma alegada viragem de Lénine para o entendimento do socialismo como economia de mercado, como o regresso ao mercado, não como uma necessidade temporária, mas como objectivo e perspectiva. Os mais atrevidos até inventaram uma qualquer «metodologia leninista da NEP do mercado socialista». Todavia, em primeiro lugar, deve-se notar que a NEP não é uma metodologia, mas uma política e que Lénine e os bolcheviques, aquando da introdução da NEP, reconheceram o seu recuo na admissão de elementos do capitalismo, e não chamaram a isto «*desenvolvimento das qualidades intrínsecas da produção socialista*». Em segundo lugar, nesta mesma altura, desenvolveram-se poderosas alavancas para a superação dos elementos da produção mercantil da economia de transição para o socialismo. Foram criados o Gosplan, o Gossnab, a grande indústria, elaborou-se o plano GOERLO, etc. Ou seja, a par do aumento do volume da chamada produção mercantil (que na sua essência já não o era), reforçou-se o carácter directamente social da produção socialista e preparou-se as condições para a posterior superação da produção mercantil.

Stáline prosseguiu conseqüentemente na prática a linha de Lénine para a superação da produção mercantil na passagem para a produção socialista, conferindo-lhe as qualidades próprias da produção social. As ideias fundamentais sobre esta matéria foram expostas por Stáline no seu trabalho *Os Problemas Económicos do Socialismo na URSS*. Em particular, Stáline formula do seguinte modo o objectivo da economia socialista: «*Existirá uma lei económica fundamental do socialismo? Sim, existe. Em que consistem os seus traços característicos e disposições desta lei? Os traços característicos e as disposições da lei económica fundamental do socialismo podem ser formulados, aproximadamente, do seguinte modo: garantia da satisfação máxima das necessidades materiais e culturais sempre crescentes de toda a sociedade por meio do crescimento ininterrupto e aperfeiçoamento da produção socialista na base de uma técnica superior*».⁵⁴ Ou seja, Stáline sublinhou com precisão que os interesses de toda a sociedade estão acima de tudo no sistema socialista.

Na sua análise, Stáline parte não apenas da sua visão marxista, mas do exame objectivo da realidade existente. Stáline identifica as garantias oferecidas pelo Estado

⁵² «Directiva do Conselho do Trabalho e Defesa às Instituições Locais Soviéticas (projecto)», Abril de 1921, V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), ed. cit., t. 43, p. 276.

⁵³ Colectânea Leninista, t. XI, 1931, 2.^a edição (em russo), p. 388.

⁵⁴ I.V. Stáline, *Os Problemas Económicos do Socialismo na URSS* (1952), <http://www.hist-socialismo.com/docs/ProblemasEconomicosSocialismo.pdf>, pp. 23-24. (N. Ed.)

proletário para prevenir a restauração dos elementos capitalistas na economia. No entanto, julgamos que, de algum modo, subestimou o facto de que a produção mercantil gera necessariamente a tendência e o desejo de avançar para a completa produção e mercado capitalistas, o que nas condições correspondentes veio posteriormente a concretizar-se na URSS.

Stáline referiu que a lei do valor no socialismo, embora não tendo uma importância reguladora, actua mesmo assim parcialmente, sobretudo na esfera da produção de produtos de consumo geral. Isto é discutível. A lei do valor é a lei fundamental do capitalismo e por isso não pode de forma alguma ser lei do socialismo. F. Engels sublinhou no *Anti-Dühring* que «a lei do valor é, precisamente, a lei fundamental da produção de mercadorias e, também, por consequência, da forma mais elevada de produção, ou seja, da capitalista».⁵⁵ Na economia socialista, a produção mercantil existe apenas como negação do seu carácter directamente social e é uma das marcas deixadas pelo capitalismo, que se supera no processo de desenvolvimento do socialismo, de comunismo incompleto para o comunismo completo. Por isso, podemos afirmar que o desenvolvimento da economia socialista é *o reforço da sua essência directamente social e a superação da produção mercantil*. Sejam quais forem as condições em que os comunistas se defrontem numa revolução, quaisquer que sejam os compromissos que tenham de fazer, tem de haver uma orientação clara para o objectivo de superar a produção mercantil e passar para a produção directamente social. O progresso da economia socialista foi garantido enquanto o poder encarou a sua organização como produção directamente social.

A decisão da direcção khruchoviana, em 1961, de renunciar à base política do socialismo – a ditadura do proletariado – e a reforma económica de 1965 desencadearam um processo de acumulação gradual de tendências negativas na economia socialista e nas relações sociais. Em sentido figurado, pode-se dizer que a partir daí começou a preparação da *perestroika* de Gorbatchov [*stroi* significa regime em russo], como mudança do regime social.

Digam o que disserem os actuais apologistas do capitalismo, a economia na União Soviética tinha um carácter de produção directamente social. Isto é hoje particularmente evidente porque, comparando com as presentes condições de vida, o cidadão soviético recebia mais de metade dos bens vitais de consumo (tendo em conta os preços actuais) através dos fundos de consumo social. E toda uma série de necessidades vitais eram satisfeitas precisamente quase «segundo as necessidades». Eram assim garantidos alojamento gratuito, embora com longas filas de espera, abastecimento de águas quentes e frias, electricidade, pão, saúde e educação, transportes públicos urbanos e muitos outros bens.

Lamentavelmente, a renúncia ao curso socialista, quer no plano político quer no plano económico, foi efectuada pela direcção do próprio partido, que continuou a chamar-se comunista. No XXII Congresso do PCUS foi adoptado o novo Programa do partido que excluiu das suas teses fundamentais a necessidade da ditadura do proletariado. E o XXVIII Congresso do PCUS aprovou a transição para o mercado. Neste congresso, o partido e o povo foram avisados de que a passagem para o mercado levaria ao capitalismo, ao colapso do PCUS e a uma calamidade para o povo. No discurso do

⁵⁵ Friederich Engels, *Anti-Dühring*, Fernando Ribeiro de Mello/ Edições Afrodite, Lisboa, 1974, 2.^a edição, p. 383. (N. Ed.)

professor A.A. Serguéev, representante do Movimento Iniciativa Comunista, afirmou-se: «*Para além do mercado dos bens, existem ainda mais dois. Existe o mercado do capital privado, representado na bolsa de valores, e o mercado da força de trabalho. Eis pois que estes dois mercados, tomados em conjunto, resultam inevitavelmente no capitalismo de mercado clássico, mesmo que lhe chamem regulado. E isto não pode ser refutado (...) Tal perestroika não será suportável pelo nosso povo, com ela desmoronará também o partido, que deixará de existir enquanto partido comunista.*»⁵⁶

Como vemos, as previsões da ciência confirmaram-se, e nós temos de começar novamente, em sentido figurado, com a pergunta «*por onde começar?*», que Vladímir Ilitch Lénine desenvolveu no seu livro homónimo.

As concepções de construção do socialismo através do desenvolvimento do mercado, da produção mercantil, das relações monetário-mercantis, isto é, através das relações capitalistas, tal como os planos de construção do socialismo em diferentes variantes da economia de mercado com *orientação social*, mesmo tendo as melhores intenções e mesmo sob a direcção de um governo patriótico de *confiança popular* – são a via do gorbatchovismo. Dela resultará capitalismo. O oportunismo e o revisionismo aprenderam a compor uma multiplicidade de variantes e igual multiplicidade de justificações destes modelos de capitalismo. A prática mostrou que separar a economia da base política na teoria do socialismo, admitir a existência de uma alegada economia pura, não politizada e acima das classes, é um erro, uma tolice, mesmo um crime por parte de comunistas perante a classe operária. Na URSS, nos últimos anos da governação do PCUS, enquanto construía o socialismo de mercado, construíram o capitalismo.

Parafrazeando Vladímir Ilitch Lénine, pode-se dizer que, sem se lutar contra esta doença contagiante do mercado, falar de fidelidade ao socialismo ou à opção comunista é apenas pronunciar frases sonoras, porém falsas.

Verifiquemos a nossa linha política com Lénine, com o comunismo científico!

⁵⁶ XXVIII Congresso do Partido Comunista da União Soviética, 2-13 de Julho de 1990, registo stenográfico, (em russo), Politizdat, Moscovo, 1991, t. 1, p. 504.